

Abre a terceira parte do livro o trabalho "JS e o ensaio teórico" de Onésimo Teotónio Almeida, que analisa em detalhe o estudo "Sistemas e correntes críticas", publicado em *Dialéticas teóricas da literatura*, para demonstrar, até mesmo pelas inconsistências que detecta no discurso do A., a visão particularíssima de JS face à teoria literária. Frederick Williams, como indica o título de seu ensaio - "Prosódia, paródia, prosa: o prefácio de JS e *As Quibiricas*, de Frei Ioannes Garabatus" -, comenta detidamente essa primorosa peça de ironia e erudição que Sena produziu, ainda em tempos salazaristas, com o objetivo de criticar o governo fascista e todos os mandarinos do saber. Por fim, Daphne Patai, em "Traduzindo JS", com a experiência de quem traduziu para o inglês alguns contos do autor, relata as dificuldades, sobretudo de ordem sintática, que enfrenta quem se dispõe a tal tarefa e recomenda três atitudes básicas perante o texto a traduzir: respeito, fidelidade e modéstia.

Compõem ainda o volume uma pequena seleção de fragmentos memoriais de Mécia de Sena - "*Flashes*: recordando alguns momentos com JS" e uma sintética apresentação bio-bibliográfica de todos os colaboradores.

Ganham, pois, os estudos senianos uma imprescindível coletânea de ensaios, assinados por respeitadas nomes da crítica literária lusa ou

lusófila que há muito convivem com tão assombrosa e multifacetada produção.

*Jorge de Sena: o homem que sempre foi* é o 18º livro publicado sobre o A. E todos - frise-se - após sua morte, em 1978. O número, que parece significativo à primeira vista, perde logo magnitude quando se percebe que aí se incluem outras coletâneas, atas de congressos, catálogos de exposições, índices bibliográficos, antologias... Enfim, diante da extensão e diversidade da obra seniana, ainda há um espaço imensurável para o exercício crítico. Isto porque, lembremos - já que *ser* ou *não ser* é o mote e a questão ética a mais enfatizada nesses ensaios - Jorge de Sena seguiu como ninguém a lição concisa daquele Fernando Pessoa/Ricardo Reis que um dia escreveu: "Para ser grande, sê inteiro: nada/ Teu exagera ou exclui./ Sê todo em cada coisa. Põe quanto és/ No mínimo que fazes"...

Gilda Santos

CABRAL, Filomena. *Madrigal*. Lisboa: Difel. 1993.

É um ensaio alegórico ou talvez uma alegoria ensaística.

De qualquer forma, este livro está longe do que se poderia chamar "ficção" ou, mais exatamente, "romance". Na verdade esta quase recusa da ficcionalidade narrativa vem a ser uma das marcas paradoxais da romancista

Filomena Cabral. Já no ciclo anterior, composto de *Tarde Demais Mariana*, *Maldamor*, *Obsidiana* e *Prantos*, a rigor o primeiro e o último apenas situam-se nos limites da ficção romanesca. Mesmo assim, com largos traços de desacomodação e rebeldia.

Na verdade, Filomena Cabral é o que se poderia chamar de ficcionista da ficção, o que significa dizer, uma espécie de ficcionista que coloca continuamente em evidência a sua própria ficção. Tudo isto misturado com um inequívoco gosto pela especulação.

*Madrugal*, parece-me, desse modo, um vasto e profundo ensaio da alma, alegorizando no antagonismo que conjuga a figura do Profeta-Mensageiro com a do Cavaleiro dos Sonhos, os quais se intercalam na interlocução tensa que mantém com a protagonista Angélica.

A atmosfera moral do território dessa interlocução evoca uma Idade Média radiografada, isto é, esvaziada de seus encantamentos materiais, depurada no conteúdo de uma mística que recompõe sobretudo o clima dramaticamente inquietador do declínio daquela idade. Assim, apesar da leveza aparente da epígrafe que abre o livro ("Estão mortos os que não amam") o texto acaba se defrontando, entre outras coisas, com a inevitável tópica da Morte, tão cara ao período e que, de repente, a narradora-personagem acaba por fugir: "Continuava imóvel, a

veste caía em pregas, nada agitava sequer os meus cabelos, era o vazio habitado pelas imagens. As asas negras 'tu és um anjo' - dei por mim a dizer 'tu és o anjo da morte'. Não quero ver-te, descrevi-te, mas não quero que surjas aqui, fazes parte da inspiração do delírio de uma alma que sofreu a perda extrema e que desabou o destino!" Pois bem, esta é Angélica, o ser humano para ILLUSIO e que, ao confrontar-se com a face e a contra-face da experiência vital que lhe revelam o Profeta-Mensageiro e o cavaleiro dos sonhos, levanta as âncoras do "seu" real e fica á deriva de um jogo que ela desconhece.

Neste ensaio d'alma Filomena Cabral esboça com tintas fortes um possível ciclo cuja trama não se chega a adivinhar. O espaço alegórico que ela cria neste seu *Madrugal*, lembra sobretudo os ensaios que contitularam *Mau Damor* e *Obsidiana* no primeiro ciclo, mas é mais abstrato. Enquanto que naqueles se adivinham esboços de pessoas, aqui nos defrontamos com o contorno de uma alma em tensão, com a respiração contida e o ar ainda rarefeito de existência, pura virtualidade a ensalar vôo para a vida futura (ou passada?).

Haquira Osakabe